

O MENINO QUE QUERIA SER SÓ

O Menino que queria ser só

**Guilherme Cardoso**

**O  
MENINO  
QUE  
QUERIA  
SER  
SÓ**

**1ª Edição  
Belo Horizonte  
Edição do Autor  
2012**

O Menino que queria ser só

**Copyright:** © Guilherme Cardoso

**Capa:** Can Stock e Flávio Henrique C.Cardoso

**Ilustrações:** Can Stock

**Diagramação:** Márcio Rubens C.Cardoso

**Revisão:** Guilherme Tel.

**Dados Internacionais de Catalogação na publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Cardoso, Guilherme

O Menino que queria ser só / Guilherme Cardoso.- -

1. Ed.- - Belo Horizonte : Ed. do Autor, 2012.

ISBN 978-85-912186-5-3

1. Ficção – Literatura infanto-juvenil

I. Título

12.07911

CDD 028.5

Índice para catálogo sistemático:

- 1 . Ficção : Literatura infantil           028.5
2. Ficção : Literatura infanto-juvenil :   028.5

Para minha esposa, meus quatro filhos homens adultos, que um dia foram crianças e adolescentes, e para meus atuais quatro netos, João Vitor, 12 anos, e os trigêmeos Ana Luiza, Lucas e Matheus, de 05 anos de idade.

O Menino que queria ser só

**E**le ficava o dia inteiro fechado no quarto. Melhor dizendo, ele ficava à tarde, à noite e pela madrugada fechado no quarto. De manhã, segunda a sexta-feira, ele ainda ia à escola. Na escola, se limitava a responder o que a professora perguntava. Raramente, ele perguntava alguma coisa. Não havia diálogo.

Não tinha amigos na escola. No recreio, não brincava com ninguém. Enquanto os colegas de sala se envolviam em brincadeiras de pique, queimada, *ping-pong*, dama e xadrez, ou mesmo batendo papo entre eles e algumas garotas, o nosso personagem preferia o isolamento.

Sentado num canto do pátio, tira o celular do bolso, liga o aparelho e permanece imóvel os 20 minutos do recreio, se distraíndo com alguns joguinhos.

Vamos dar-lhe um nome: Henrique. Tem 14 anos, está na 9ª e última série do ensino fundamental, que depois da reforma educacional passou de oito para nove anos. Com esta mudança o aluno inicia a corrida escolar oficial a partir dos seis anos de idade.

Em casa, também não conversava com ninguém. Tinha pai, mãe e irmã, esta mais nova que ele. Sua vida era uma rotina de deitar, levantar, dormir, acordar, escola e quarto fechado. Vivia recluso. Só a mãe entrava lá duas vezes por dia, para acordá-lo para as aulas e pelas 18 horas, para levar-lhe o jantar. O almoço ele comia ao chegar da escola.

Ninguém mais ousava incomodá-lo em outros momentos. Nem pai, nem irmã, muito menos a empregada da casa.



O pai, Roberto, um senhor de 45 anos, gerente de um grande Banco privado, saía para o trabalho às sete horas da manhã e só voltava depois das 20 horas, quando não chegava mais tarde, pela meia noite, depois de algumas rodadas de cerveja com os colegas bancários.

Mal tinha tempo para a família nos finais de semana.

Amigos, Henrique não tinha, brincava o tempo todo com os jogos e personagens dos games que o pai comprava. Eram muitos. *Fifa Soccer, Mortal Kombat, Dragonball, Street Fighters, Assassins Creed*, a maioria de lutas, repletos de violência.

À noite, quarto escuro, o que se via por debaixo da porta eram clarões e sons, pequenos relâmpagos de imagens dos jogos de lutas e mortes virtuais. E comandos de voz de Henrique aos personagens dos seus jogos de batalhas:

“Vamos lá, mate este. Olha aquele lá, atacando nosso grupo. Legal, passamos de etapa. Agora temos mais munição de combate”.

Garoto, pré-adolescente, não se interessava por nada que não fossem os seus jogos de lutas e guerras. Pouco lhe importava saber o que se passava cá fora, no mundo real. Não lhe interessava saber se a inflação no Brasil insiste em voltar, se o Bin Laden está mesmo morto, se antigos ditadores perderam o poder, se a Europa anda em crise, que um negro governa a maior potência do mundo, e que as mulheres já não o sexo frágil, várias delas são Chefes de Estado.

— Não me interessa saber de política, o que os outros estão fazendo de bom ou de ruim. O que importa é como estou vivendo. — Era assim as poucas vezes em que decidia responder às perguntas feitas pelos professores e que valiam notas na escola.

**H**eróis para ele eram *Dart Vader, Jedi, Sith, Homem-Aranha, Capitão América*, personagens que na tela de 32 polegadas impunham o caos e a ordem naquele ambiente solitário, escuro e de lutas.

Seus valores morais eram os códigos de honra dos mocinhos dos jogos eletrônicos. A lei do mais forte. Vencer, vencer, vencer!

No seu quarto havia televisão, televisor tela fina, 32 polegadas, celular smartphone, um DS 3D, último lançamento, em tamanho pequeno para se jogar sozinho, vindo da escola, a pé, no banco traseiro do carro ou do ônibus escolar.

E claro que havia computador, com internet de alta velocidade, para baixar legalmente ou de forma pirata os mais recentes jogos, filmes de aventura e músicas de roqueiros e *punks* do momento.

## O Menino que queria ser só

Presentes dos pais, como forma de mascarar e compensar uma ausência de tempo, diálogo e companheirismo.

Atitude comum nas famílias, em que pais e mães trabalham e terceirizam o atendimento aos filhos.

**O**s pais não tinham acesso aquele quarto fechado e escuro. Nem mesmo a empregada da casa conseguia fazer direito a limpeza necessária. Seria uma invasão à privacidade individual se alguém entrasse naquele ambiente particular sem autorização expressa do seu ocupante. Poderia estar ferindo direitos da criança e adolescente, protegidos pelo Estatuto da Criança e do Adolescente.

Quando saía para a escola, e eventualmente para algum lugar na companhia dos pais, o garoto levava consigo a única chave da porta do seu quarto. Não queria que ninguém mexesse em seus pertences e jogos, e ficasse sabendo o que e com quem porventura estaria conversando naqueles longos e intermináveis períodos de reclusão voluntária.

**P**assivamente e resignados, os pais aceitavam tudo. Aliás, contribuía para isso quando diziam:

— É para o bem e o desenvolvimento intelectual do garoto, dizia o pai. Melhor recolhido ao quarto do que andando pela rua, sem rumo, não se sabe com quem e usando o quê — completava a mãe, todas as vezes que marido e mulher eram questionados por parentes e amigos sobre a ausência do menino em diversas atividades sociais da família.

No mundo real, as pessoas, de carne e osso são mais perigosas, pensavam eles e muitos pais.

Apenas meia verdade.

A família, de classe média alta, tida como moderna, não seguia as normas, nem os padrões tradicionais de comportamento e convivência social. Os pais não tinham religião, se diziam ateus, os filhos não eram batizados, não fizeram catecismo, primeira comunhão e não acreditavam na existência de um Ser Supremo. O deus em que botavam fé era no Poder, representado pelo dinheiro e o consumismo desenfreado.

A igreja que frequentavam eram os *shoppings centers* com suas luxuosas lojas, irresistíveis restaurantes, gente rica e bonita que por ali circulava, exibindo seus dotes e suas compras às vezes exageradas e desnecessárias.

Ambiente de luxo e consumo em que muitos acreditam encontrar a felicidade.